

RESENHA DO LIVRO: UM CORPO NEGRO¹

Douglas Rosa da Silva²
Mestre em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(douglasrosa.per@gmail.com)

Publicado pela primeira vez em 2018 e republicado em 2019, o livro **Um corpo negro**, de Lubi Prates, surge como uma das mais bem sucedidas obras da poesia contemporânea no Brasil. Ainda que recente, a obra de Lubi Prates já angariou um importante destaque na cena literária nacional, sendo o livro finalista do Prêmio Rio de Literatura, em 2019, e também chegando à final do 61º Prêmio Jabuti, no mesmo ano. Composto por vinte e cinco poemas, **Um corpo negro** empreende versos que explanam acerca da vivência negra brasileira, a partir de uma perspectiva genuína – a da mulher negra.

Esteticamente, a obra inova por aliar uma escrita poética que poderia ser considerada “autobiográfica”, pois originada de uma imersão na própria identidade negra feminina, a uma enunciação coletiva, uma fala em coro. Ainda que a escrita de Lubi Prates esteja fundamentada na própria vivência da autora, essa escrita progressivamente deixa de ser particular e se torna uma ferramenta que toca outros corpos, chamando para a roda da poesia aquelas e aqueles que situados estão na condição de “imigrantes”, de “expatriados” na própria pátria. Essa característica estética de uma enunciação coletiva que marca **Um corpo negro** se mostra presente desde a epígrafe, a qual conta com os versos de outra grande escritora e ativista negra brasileira, Alzira Rufino. Por conseguinte, o que a voz lírica teatraliza nos poemas não deve apenas ser enquadrado no campo da representação, porque o corpo que fala nos poemas é um corpo que provoca, desafia, que não fornece respostas prontas para problemas antigos. Esse corpo ainda não sabe a partir de que momento estará completo, mas sabe que a sua formação se dá na própria busca, que é contínua. É um corpo que quer “inventar um idioma próprio”, que acha “uma bênção ser mulher”

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Letras (área de concentração em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista CAPES.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-7318>.

e que reconhece que não quer ser forte, pois “é/exatamente/nisto que mora a força” (PRATES, 2019, p. 80).

Na seção de apresentação da autora, Lubi Prates salienta e descreve algumas das vivências de sua narrativa pessoal que sempre a colocaram na posição de uma *outsider*, isto é, aquela marcada pela diferença, que se apresenta fora dos limites dos grupos hegemônicos e dos espaços já estabelecidos. Esse sentimento constante de estar fora, que também culmina na percepção de que a própria subjetividade é sempre uma interrogação, faz com que os poemas de **Um corpo negro** também sejam o resultado de uma densa reflexão sobre a identidade da mulher negra e sobre os lugares que essa identidade ocupa em uma sociedade fundamentada e transpassada por práticas racistas como a sociedade brasileira.

No prefácio de **Um corpo negro**, a poeta e teórica Lívia Natália afirma que “os poemas se organizam pelo desamparo, pelos escombros, pelas humanidades adernadas no fundo do oceano” (2019, p. 13). O texto do prefácio, intitulado de ‘O corpo negro como lugar de fala’, reforça a presença de uma enunciação coletiva presente na obra. Na visão de Natália, esse coro enunciativo está relacionado a um fator comum que une pessoas negras de diferentes tempos, espaços e com diferentes intensidades: a cor da pele. Os poemas do livro emocionam e entristecem – pois se reconhecer um corpo negro no contexto brasileiro é saber que o processo de cartografia pessoal pode ser complexo, longo, permeado de um construir que é da ordem do infundável, do vir a ser.

Essa construção infundável dos corpos negros, porém, nada tem a ver com incompletude corpórea. Esse processo está relacionado a uma ausência de limites, já que livre das imposições institucionais e dos cerceamentos diversos, esse corpo encara a construção da própria corporeidade como possibilidade, como espaço aberto capaz de abarcar uma diferente narrativa, uma desobediente escritura. O livro “atualiza a discussão sobre o racismo a partir de um investimento delicado, intenso, meticuloso, de devolver humanidade às nossas travessias, às nossas dores [...]” (NATÁLIA, p. 17, 2019), isso porque **Um corpo negro** é um livro que não apenas retrata um corpo negro, mas é um livro que estabelece diálogos, ou uma rede de comunicabilidade e atravessamentos a partir desse corpo.

Quanto à organização da obra, pode-se dizer que os poemas de **Um corpo negro** estão dispostos em três núcleos temáticos principais, ainda que essa

organização seja mais fruto de uma leitura individual do que de uma pretensão da autora. Esses núcleos temáticos também não aparecem fragmentados de forma rígida, pois as temáticas estão contaminadas entre si e, às vezes, um poema abrange sincronicamente um ou mais temas, sem que isso lhe prejudique o sentido. Esses núcleos temáticos intercalados aparecem como: o corpo negro desterritorializado (exilado no próprio país), o corpo matriz (o corpo que se nomeia território) e o corpo vir a ser (cuja força está em seu contínuo e singular processo de formação e reconhecimento).

Os poemas que traçam o corpo negro desterritorializado apresentam, principalmente, este corpo em sua condição de desterrado, distante de um espaço geográfico acolhedor. Nesse sentido, é por meio de veementes questionamentos, agitados no interior dos poemas, que a escrita de Lubi Prates elabora esse corpo desterritorializado na poesia. Alguns dos questionamentos suscitados na leitura são: esses corpos negros têm território e são eles, de fato, pertencentes a este lugar? Essa pátria, esse país, envolve esses corpos negros, aceitando-os e reconhecendo-os?

Além disso, nos textos que colocam o corpo negro desterritorializado no centro do poema, o sentido também vem acompanhado de uma sensação de ausência de conforto desencadeada pelo exílio. A linguagem poética teatraliza o desabrigo nessa pátria que em nada se relaciona a uma ‘terra mãe’: “mas não é mãe/se permite/que te arranquem/o solo e os pés/no mesmo instante” (PRATES, 2019, p. 19). A voz lírica feminina identifica que essa estrutura territorial é da ordem do masculino e que esses alicerces, portanto, não comportam as suas ânsias, os seus medos e a expressão irrestrita de sua subjetividade.

se parir é uma
possibilidade apenas feminina e
pátria traz essa imagem
masculina & país traz essa
imagem masculina & o próprio
pai em si

como não chamar de
pátria

esse lugar onde nasci
(PRATES, 2019, p. 21).

Nitidamente, esse corpo negro desterritorializado não se sente integrado a essa pátria ou nação porque essa terra não o incorpora, não foi projetada e construída para que ele exerça a plenitude de sua potência. Esse país o qual remete o sujeito poético é um país em que as corporeidades negras se sentem em estado de constante vigilância, visto que a sua condição nesta terra nunca é de cidadão ou de indivíduo que goza todos os seus direitos, mas sim a de um eterno e permanente imigrante, geralmente abordado com suspeita e acometido pela violência. A abordagem histórica de alguns dos poemas do livro evidencia algumas das múltiplas fragilidades do enraizado mito da democracia racial no país. São textos que destacam, de modo enérgico, que essa ‘vivência pacífica’ e ‘inexistência de conflitos e desigualdades’ entre os diversos grupos raciais no Brasil são uma narrativa falseada, impraticável e distante.

No poema ‘Tudo aqui é um exílio’, o eu-lírico exterioriza a sua insatisfação e contrariedade com esse ‘lugar onde nasci’, revelando que a hostilidade dessa pátria é originada na não assimilação dos corpos negros como corpos-potência, ou corpos-humano. Baseado na leitura, entende-se que está no princípio de criação dessa nação a condição de exilar os corpos negros, desterritorializando-os: “apesar dos rostos/quase todos negros/dos corpos/ quase todos negros/semelhantes ao meu/tudo aqui é/umexílio” (PRATES, 2019, p. 31).

Esse corpo negro simbolizado no tecido poético olha para o horizonte e estabelece uma conexão inabalável com o seu território de partida, a África. O continente africano aparece nesses poemas como uma terra próxima a esse corpo, mas ao mesmo tempo distante, posto que os eventos históricos atuam como uma marca do afastamento do corpo negro do seu lugar de origem. Por isso, a imagem da África, em **Um corpo negro**, sintetiza a base de sustentação e de amparo desses corpos historicamente violentados e tratados como mercadoria. Ao estabelecer as travessias com o continente africano, a memória vivifica essa corporeidade, pois esse corpo negro reescreve um passado anterior a escravidão e legitima o seu direito à memória: “minha pele não é um estado desgovernado/minha pele é um país/embora distante demais para os meus braços” (PRATES, 2019, p. 53).

Percebe-se que, do ponto de vista do eu-lírico, o encontro com a própria morada só é reconhecido quando o corpo estabelece uma conexão particular com o continente localizado do outro lado do oceano, a África. O reconhecimento da ‘pele

que é um mundo' tem a ver com o lugar de origem desses corpos negros trazidos para o Brasil. Apesar das trocas culturais, da miscigenação e das diversas outras influências, são corpos que trazem em si, conscientemente ou não, a riqueza, a multiplicidade, os traços físicos, a língua de países de outro continente. E essa ponte estabelecida com outras heranças culturais – as heranças negras principiantes, genealógicas – é o que faz o corpo negro se colocar como a sua própria fonte, sua própria matriz. Esse corpo, a partir dessa conexão contínua, renega as referências exteriores outrora impostas e valida as referências autênticas e internas, carregando e ampliando em si as marcas de uma memória preservada, memória essa que é estampada, insculpida em seu código genético.

É nas minhas costas
que eu guardo a história
do antes: o encurvamento
os açoites destruindo o silêncio

É nas minhas costas
que eu guardo a história
do depois: este ousar erguer-se,
um edifício que se constrói
a partir de escombros.
(PRATES, 2019, p. 55-56).

Na poesia de Lubi Prates, fica evidente que a elevação desse corpo negro está associada a articulação de uma nova enunciação, pois esse corpo conta e escreve a sua própria história, assume a posição autoral de sua narrativa. Dessa vez, essa nova história não se fará estática, pois ela se constituirá no movimento, na relação, no reconhecimento de que um corpo negro é sempre **a mais** do que aquela narrativa fajuta elaborada para embrutecê-lo. É assim que o terceiro núcleo temático do livro expõe um corpo a vir a ser, corpo sempre em processo. O **corpo desterritorializado**, o **corpo matriz** e o **corpo vir a ser** podem ser lidos como operações ou fases de um corpo negro na sociedade brasileira hoje. Por isso, a relevância da obra de Prates está em demonstrar que a poesia não tem a intenção de encerrar-se em debates identitários, mas a sua ocupação e função estão em contribuir para que a ordem social se torne, cada vez mais, um espaço de todos e para todos. É a partir de uma honesta e legítima reflexão sobre os corpos negros no Brasil que o livro se coloca como um convite aberto, pronto para ser consumido por quem quiser se aproximar, porque

também é do domínio da poesia a partilha das diferenças, a tarefa de ampliar horizontes.

Após a leitura de **Um corpo negro**, pode-se dizer que a completude desse corpo só acontece quando ele se vê e é visto; quando ele compreende, enfim, a necessidade de também existir autenticamente, existindo.

Dados da obra resenhada: PRATES, Lubi. **Um corpo negro**. 2. Ed. São Paulo: nosotros, 2019. 82 p.



Recebido em 02 de agosto de 2020
Aprovado em 16 de dezembro de 2020